

# Do sonho do corpo ideal ao masoquismo feminino

*Lia Novaes Serra*

## **Introdução**

Sabemos que o ensejo por realizar uma operação plástica, que acomete, sobretudo, às mulheres, aparece como uma urgência do feminino em não aceitar sua imagem corporal. Surge, nesse contexto, o corpo modelado pelas lipoaspirações, pelos implantes de silicones, pelo botox, assim como o corpo controlado pelas dietas, medicado pelas pílulas de rejuvenescimento. A submissão à indústria da beleza e aos novos padrões estéticos levam, então, hoje milhares de mulheres às mesas de operação.

É difícil compreender o que vem antes, se a demanda incessante por mudanças corporais ou a oferta irrestrita de novas tecnologias médicas que elegem o corpo como produto mais “valioso” a ser investido. De acordo com os últimos dados de uma pesquisa realizada pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética realizada em 2013, 23 milhões de pessoas realizaram procedimentos estéticos entre cirurgias e não cirurgias em todo o mundo. Além do visível aumento, destaca Carlos Uebel diretor da instituição, há a melhoria de tecnologias e guidelines mais aperfeiçoados que buscam dar maior conforto tanto ao médico quanto aos pacientes.

Ainda segundo a pesquisa, o Brasil pela primeira vez lidera o *ranking* mundial de cirurgias plásticas, deixando os EUA em segundo lugar, com média de 1.491.721 operações em um ano. Um dado, no entanto, que ainda não se altera tanto é a busca das pessoas do sexo feminino pelas operações e procedimentos estéticos. As mulheres representam 87% da clientela dos cirurgiões que buscam, em geral, por lipoaspiração, aumento dos seios e as cirurgias faciais.

Ao retomar a história das modificações corporais ao longo do século XX, Silva Júnior e Moreira (2013, p.100) mostram como a racionalidade, por meio do desenvolvimento de tecnologias, incide de maneira radical na cultura ao tornar concreta às idealizações do corpo - do imaginário ao empírico. Ressaltam ainda que as dúvidas

estruturais sobre a identidade e a redução do sujeito à dimensão material do corpo fazem com a construção identitária de si mesmo passe pela “modificação da carne, a retificação do suporte corporal”.

Sendo assim, há uma dimensão do sacrifício em alcançar uma imagem de acordo com o establishment social e é justamente sobre esses sacrifícios que buscamos nesse trabalho destacar como a constituição de uma imagem corporal adequada ao ideal de eu (viabilizada pelas novas técnicas cirúrgicas) podem nos indicar que direção as fantasias inconscientes percorrem na busca de sua meta de satisfação.

A questão central que pretendemos investigar é, portanto, acerca da relação das fantasias - aqui compreendidas como produção da linguagem que revela, a um só tempo, o assujeitamento estrutural à realidade do significante e a produção do sujeito que busca responder à falta do Outro - e o masoquismo feminino. Sabemos que o masoquismo feminino refere-se aos fantasmas produzidos pelo sujeito a partir da identificação feminina, que por sua vez se caracteriza pela posição da castração. Sob esse ponto de vista, um dos efeitos do masoquismo feminino seria o de colocar-se no lugar de objeto da fantasia masculina. Nesse sentido, podemos especular se o masoquismo feminino não consolidaria atualmente uma das figuras preponderantes de subjetivação na contemporaneidade.

### **O corpo na mira da ciência**

“O eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio a projeção de uma superfície” (FREUD, 2006 [1923], p. 40). O corpo (*Leib*) se apresenta para a metapsicologia freudiana como peça chave para o desenvolvimento psíquico do sujeito, uma vez que será a sede das moções pulsionais e libidinais. De acordo com Assoun (1995), encontramos o termo *Leib* justamente para se referir à essa designação da substância viva, que conduz ao princípio de vida e à individuação. Já o termo *Körper* imputaria, em geral, a anatomia, o corpo material, visível, que ocupa um espaço.

Embora, seja possível demarcar essas duas nomenclaturas utilizadas na investigação da temática corporal, não se pode dizer que a noção de corpo alcançou a

categoria de “conceito” nos textos freudianos. Mas, o que nos parece central para bem circunscrever essa temática é a compreensão de que o corpo (*Leib*) surge para a psicanálise como ruptura à anatomia clínica.

O corpo passa a ser compreendido a partir do atravessamento da linguagem, dos fantasmas, do desejo, do prazer. Haveria, nesse sentido, uma grande distinção entre o corpo que a ciência médica elegeu como objeto, que considera o organismo sob o ponto de vista anatômico e fragmentado, e o corpo para a psicanálise, que também o percebe em sua não-totalidade, mas se ocupa especialmente em investigá-lo pela via da linguagem e sua transformação em objeto erógeno.

O corpo erógeno, habitado pela libido, só se torna um corpo quando se afeta pelas palavras, quando recebe as indispensáveis marcações dos significantes. De acordo com Lacan, essa concepção de corpo fundado pela linguagem é essencial para a constituição psíquica do sujeito, pois é no posicionamento diante do discurso do Outro que se traça o destino psíquico. “O sujeito pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu próprio nome” (LACAN, 2007 [1975-1976], p. 495).

Preocupado com os efeitos da linguagem na constituição do sujeito, Lacan demarca como um dos operadores fundamentais para a estruturação desse processo o significante fálico, que conduzirá o sujeito a um lugar inédito na trama desejante. É pela gramática fálica que a economia do desejo, necessária à entrada no mundo simbólico, se articula (LACAN, 1957-58). O significante fálico, que representa uma falta, insere o sujeito do inconsciente no mundo da linguagem, impulsionando seu processo de produção de sentido para o inominável.

A relação com o significante fálico não pode ser evitada, uma vez que entra em cena desde a mais ínfima demanda, seja feita a um homem ou a uma mulher. No limite, para ingressar no mundo da linguagem, ou para pertencer ao estatuto do falo, o sujeito deve se privar de algo valioso. Esse “algo” foi retratado por Freud pelo mito edípico como a necessidade de abdicar de possuir a mãe para adentrar o universo cultural (LACAN, 1960).

A lógica fálica também introduz o significante mestre para a diferenciação entre o homem e a mulher. Na leitura freudiana, a mulher, desprovida do falo, seria convocada a “ser o falo” do parceiro, e a falta desse significante se converte num efeito quase compensatório – o de se transformar no que não tem. Seguindo essa mesma lógica, a mulher só se torna o falo na relação com o outro; é sempre para outro, nunca em si, que se pode ser o falo (SOLER, 2005).

### **Fantasias do feminino**

Essa diferenciação entre os gêneros aparece em Freud, em sua busca por responder o que faz uma mulher uma mulher? E encontramos nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) a apresentação de sua tese sobre a impossibilidade de determinação da sexualidade a partir das características biológicas. Pautado por seus novos achados sobre a teoria pulsional, Freud descreve a sexualidade mediante uma concepção essencialmente perversa e polimórfica, segundo a qual a pulsão buscaria satisfação independente do gênero sexual biológico de seu objeto. Desse modo, as diferenças anatômicas e mesmo os determinantes genéticos e hormonais não seriam mais suficientes para marcar o que difere um homem de uma mulher.

Freud defendeu a ideia entre seus interlocutores de que, no inconsciente, as pulsões parciais ignoram a diferença anatômica ou biológica em sua meta de satisfação. No entanto, acrescentava que essa diferença era transportada à problemática representacional de ter ou não ter um pênis. Essa limitação de Freud pode ser percebida em seu importante ensaio intitulado *Feminilidade* (1933), quando conclui que o desenvolvimento *normal* de uma mulher ao passar pelo Édipo – impulsionada pela castração – seria de metaforicamente definir a figura do pai como meta de satisfação pulsional para poder, então, usufruir do pênis de que fora desprovida desde seu nascimento.

O trajeto de constituição da sexualidade feminina, descrito por Freud em *Algumas consequências psíquicas da distinção entre os sexos* (1925), envolve inicialmente desvencilhar-se do maciço investimento libidinal que fizera na figura da mãe, seu objeto de amor primordial. O distanciamento da menina à mãe seria fruto da constatação da filha de que sua progenitora não possui o pênis que outrora imaginara. A ausência do órgão masculino produziria uma ferida narcísica na menina, assim como

um sentimento de inferioridade que a levaria, imaginariamente, a acreditar que outro possui o atributo que falta também à mãe.

A constatação da diferença sexual produziria decepção e inveja na menina, que buscaria apagar as diferenças ao orientar sua libido da mãe ao pai, de quem deseja obter o falo sob a forma de filho. Para Coler (2005) o desfecho da posição sexual feminina em Freud é bastante complicado, já que a mulher, incitada por sua falta fálica, precisa voltar-se para o amor de um homem. Sob essa perspectiva haveria um prejuízo ao sexo feminino, que alcançaria sua meta sexual apenas com a estrita relação com o masculino.

Se recuperarmos rapidamente o texto freudiano “Bate-se numa criança”, no qual o autor teoriza sobre as fantasias e o fantasma fundamental, sobretudo, das meninas encontraremos o interesse de Freud em remontar a fantasmagoria presente em suas pacientes, que indicariam a direção do gozo, a direção do sofrimento. O ponto de partida é a cena observada pelas meninas em que o pai (ou substituto) bate em outra criança. O relato da cena produziria a mensagem implícita: meu pai bate nele porque só ama a mim.

Mas, haveria também uma versão inconsciente, num segundo momento, percebida por Freud no atendimento dessas pacientes. Nessa segunda etapa, o pai aparece espancando a própria criança, que goza com a cena. Aqui, o pai, a quem a menina direciona os desejos edípicos, puni a criança que ao mesmo tempo satisfaz o desejo e se culpabiliza. O castigo funciona como substituto da transgressão almejada, do desejo incestuoso. A entrelinha dessa fase do fantasma seria: meu pai me bate porque me ama. O gozo da menina se daria pelo submetimento à vontade do Outro. A fantasia dessa cena também dá consistência imaginária à onipotência do Outro. Já que se o pai está fora da lei, ele escapa à castração. Logo, a menina poderia pensar: “posso identifica-me com ele e compensar-me por todas as minhas privações. Ofereço-me prazerosamente como coadjuvante dessa onipotência”.

Desse modo, a fantasia, guiada pelo princípio do prazer, seria uma saída psíquica para escapar da realidade. Mais ainda, indicaria o caminho singular que cada um busca em direção ao gozo, seria nossa proteção contra a angústia produzida pelo desejo irrepresentável. Podemos pensar, então, que as construções fantasmagóricas na posição feminina caminham em direção a realização do Outro, coincidindo com aquilo que Freud nomeou de masoquismo feminino?

## **A posição feminina, o laço masoquista**

Desde Kraft-Ebing o masoquismo deixou de ser caracterizado apenas pela dor no prazer, mas sim como um tipo de comportamento particular que inclui a passividade, a submissão, a servidão e o sacrifício. A associação entre mulher e sacrifício aparece na literatura desde o século XVIII, caracterizando-a como aquela que abre mão de si pelos filhos, pelo marido, tendo nessa imolação de si um quanto de prazer. Nesse sentido, em nada difere do papel ocupado pela mulher do final do séc. XIX notada por Freud, que concluiu que a capacidade de sacrifício feminina seria a porta de entrada para o masoquismo (NUNES, 2000).

Em “A feminilidade”, Freud supõe que a supressão da agressividade das mulheres favorece a tendência masoquista. A menina separa-se da mãe ao perceber que essa não lhe dera um pênis, nesse processo os impulsos agressivos são abandonados pela libido porque se mostram irrealizáveis. Nesse sentido, como aponta Grajew (2012), a supressão da agressividade das mulheres favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas. Já que os impulsos agressivos seriam descarregados internamente. A partir desse raciocínio, Freud (1933) conclui que “o masoquismo é verdadeiramente feminino”.

Há, no entanto, uma modificação sobre a noção de masoquismo na obra freudiana a partir dos textos de 20. Ao desenvolver a ideia de uma pulsão de morte, o autor modifica sua concepção sobre o masoquismo e passa a distingui-lo de três formas distintas, mas não dissociadas. Haveria o masoquismo erógeno, primário, base da perversão masoquista que promove a ligação entre o prazer sexual à dor. Presente tanto no masoquismo moral quanto no feminino, pode ser considerado como constituinte do funcionamento psíquico. O masoquismo moral que se liga ao sentimento de culpa edípico, que faz com que o sujeito se comporte de maneira pecaminosa e depois seja castigado pela consciência moral sádica. E o masoquismo feminino, que ao contrário do masoquismo moral que se expõe a partir da relação do sujeito com o social, essa modalidade se apresenta na relação com o outro, na fantasia em se colocar como objeto para ser aviltado e humilhado.

É curioso notar, que a partir dessa diferenciação, Freud (1923) se opõe ao que havia escrito anteriormente e refere-se ao masoquismo feminino como um fenômeno encontrado, sobretudo em homens. No entanto, ao explicar que esses sujeitos se encontravam em posição semelhante à posição da mulher, quer seja, a de certa passividade e de se colocar como objeto para o outro, o autor reafirma sua articulação entre feminino e masoquismo.

“O desejo do masoquista é se colocar no lugar da mulher, o que o masoquista encena é o lugar reservado à mulher na relação com o homem. É de um fantasma masculino sobre a feminilidade que Freud está se apropriando para designar essa perversão” (NUNES, 2000, p. 212)

## **Conclusão**

A partir desse contexto, levantamos a hipótese de que o masoquismo feminino seria uma das figuras preponderantes de subjetivação na contemporaneidade que atinge homens e mulheres, sendo a busca por uma imagem corpórea ideal a expressão máxima das fantasias inconscientes de se colocar como objeto ao outro. Nesse movimento, o sujeito de faz de objeto ao Outro, para que esse vibre onde falta um significante fálico, e ao mesmo tempo busca elidir a castração.

Nesse sentido, o corpo idealizado concretizaria a fantasia de ser a potência fálico-narcísica que complementa o outro. Na busca pelas cirurgias, haveria então uma tentativa de obscurecer a dimensão da castração, da morte, uma tentativa de retirar vestígios de finitude aos olhos alheios. O sujeito recusa a se ver como vulnerável, como castrado. O fantasma da indestrutibilidade do corpo impulsionaria, então, os sujeitos aos sacrifícios de uma operação plástica (FERNANDES, 2011).

Outro aspecto interessante que sustenta nossa hipótese é de que uma das marcas do masoquismo feminino seria o apelo à proteção paterna contra o desamparo constitutivo. A nostalgia do pai tão bem descrita em “Mal estar da civilização” (1930), mostra que um dos grandes impasses da modernidade é justamente a ausência da figura protetora do pai onipotente, “o pai não garante mais nada em termos de proteção subjetiva” (BIRMAN, 2001, p.157), nesse sentido, o masoquismo seria uma das formas encontradas pelos sujeitos em se defender do desamparo radical.

Ora, se vivemos em uma cultura cujo corpo é o símbolo de sucesso e reconhecimento, os sacrifícios realizados para buscar um corpo perfeito poderiam ser compreendidos como um pacto masoquista subjacente à experiência do sujeito contemporâneo. Diante do desamparo radical, o sujeito contemporâneo se oferece aos bisturis, às mãos do médico em troca de uma segurança ilusória advinda do corpo remodelado.

Para concluir, podemos então pensar que a medicina logrou tornar o corpo um produto de consumo, oferece aos sujeitos a “chance” de criarem seu corpo ideal, como se fosse possível possuir um corpo total e íntegro, capaz de “dominar” e de “controlar” a ação do incontornável. O corpo seria o balizador do sistema de valores de nossa sociedade, uma espécie de “ossatura de signos”, agora erigido no principal objeto de consumo do desejo e das novas tramas. O excesso de exposição e as inúmeras intervenções cirúrgicas revelam a perpetuação de uma “cultura fálica perversa”, de que o corpo feminino é um dos exemplos mais significativos (BAUDRILLARD, 2004).

## Referência Bibliográfica

ASSOUN, P. "Freud e a mulher". Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

BAUDRILLARD, J. "A troca simbólica e a morte". São Paulo: Loyola, 2004.

BIRMAN, J. "Estilo de ser, maneira de padecer e de construir: a respeito da histeria, da feminilidade e do masoquismo". In: Revista Percurso. Sociedade Civil Percurso: São Paulo: no. 18 – 1/1997.

\_\_\_\_\_. "Subjetividades contemporâneas". In: Revista Psychê – Revista de Psicanálise, ano V, n.7, São Paulo, p.151-69, 2001.

FERNANDES, M. H. "O corpo e os ideais na clínica contemporânea". In: Revista Brasileira de Psicanálise. Federação Brasileira de Psicanálise: São Paulo, vol. 45, n.4, 2011.

FREUD, S. (1905) "Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade". Obras Completas. Imago: São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. (1919) "Batem numa criança – contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais". Obras completas volume 14, Companhia das Letras: São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. (1920) "Além do princípio o prazer". Obras completas volume 14, Companhia das Letras: São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. (1923) "O Eu e o Id". Obras Completas. Imago: São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. (1923) "O problema econômico do masoquismo". Obras Completas. Imago: São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. (1925) "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". Obras Completas. Imago: São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. (1930) El malestar en la cultura, XXI. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu, 2006

\_\_\_\_\_. (1931) "A sexualidade feminina". Obras Completas. Imago: São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. (1933) "Feminilidade". Obras Completas. Imago: São Paulo, 2006.

GRAJEW, M. “A fase pré-edípica da menina e o masoquismo”. 2011. Monografia do Seminário Sexualidade Infantil e Complexo de Édipo (Curso de Psicanálise) – Departamento de Psicanálise, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo.

International Survey on Aesthetic/Cosmetic (ISAPS) – “Procedures Performed in 2013”. Nova York (EUA), 2013.

LACAN, J. (1975-1976). O seminário, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. (1957-1958) O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

\_\_\_\_\_. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J. “Vocabulário de Psicanálise”. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

LE GUEN, C. “O engodo feminino do masoquismo originário”. In: Revista Percurso. Sociedade Civil Percurso: São Paulo: no. 18 – 1/1997.

NARVAZ, M. “Masoquismo feminino e violência doméstica: reflexões para a clínica e para o ensino de Psicologia”. In: Psicologia. Ensino & Formação: Brasília , v. 1, n. 2, 2010.

NUNES, S. A. “O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVA JUNIOR, N.; MOREIRA, L. E. V. “O sacrifício do corpo como tomada da palavra e seu cálculo para a identidade: uma reflexão psicanalítica sobre as modificações corporais”. SIG - Revista de Psicanálise: Porto Alegre, v. 1, p. 99-106, 2013.

SOLER, C. “O que Lacan dizia sobre as mulheres”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.